

00:00 h (GMT -03: 00) - 17 de novembro de 2016

BTG retorna ao negócio de recuperação de dívidas

Por **Carolina Mandl e Maira Magro Evo** | São Paulo e Brasília

Menos de um ano após vender a Recuperação do Itaú Unibanco durante o auge dos problemas de liquidez causados pela prisão de seu ex-controlador, André Esteves, o BTG está de volta ao negócio de recuperação de dívidas.

Batizada de Enforce, a nova empresa absorverá a gestão de R \$ 30 bilhões em dívidas em recuperação que o BTG já tem em carteira, além de 140 propriedades consideradas "estressadas", ou seja, com problemas judiciais e contas inadimplentes. A devolução do BTG ao segmento deveu-se à aquisição de 70% da Ibagué, empresa que pertence em parte a um ex-sócio da BTG, Emmanuel Rose Hermann.

Por enquanto, a ação do BTG Pactual ocorrerá apenas na área de empresas e carteiras do próprio banco, devido a uma cláusula de não concorrência firmada com o Itaú. De acordo com o que o Valor aprendeu, esse contrato terminará em dezembro de 2017, quando o banco terá a liberdade de retornar ao varejo e a gestão de carteiras de terceiros.

O BTG retorna a uma das empresas que mais se arrependeu de ter que largar quando enfrentou uma fuga de recursos. Era, no entanto, um ativo que era fácil de vender e que atraía o interesse de vários compradores por causa de uma alta taxa de retorno. Agora, o BTG acredita que já está pronto para retornar à atividade em um mercado estimado em cerca de R \$ 430 bilhões.



Alexandre Câmara

"Nós vendemos a recuperação por causa de um problema momentâneo. Nós superamos as questões do passado. Agora já podemos escolher onde queremos investir", diz Alexandre Câmara, sócio do BTG. "Estamos de volta ao jogo." O BTG encerrou o terceiro trimestre com um índice de adequação de capital de acordo de Basileia de 16,4%.

No novo empreendimento, o BTG terá como sócio a Leste Ilíquidos Participações, controlada pelos senhores Hermann, Otair Guimarães e Ricardo Lopes Cardoso, cada um com um terço de todas as ações. O Sr. Hermann foi chefe da mesa proprietária de operações do BTG Pactual e deixou o banco em março de 2014. Os novos parceiros trarão para a Enforce a experiência em gestão de ativos ilíquidos e um portfólio de propriedades cujo tamanho não foi divulgado.

Segundo ele, o banco planeja comprar entre R \$ 5 bilhões e R \$ 20 bilhões de valor facial em carteiras de crédito inadimplentes em um período de três anos. Para isso, a instituição terá que investir cerca de R \$ 1 bilhão.

Quando foi vendida para o Itaú por cerca de R \$ 1,2 bilhão em março deste ano, a Recovery tinha uma carteira de R \$ 38 bilhões. O BTG continuou detendo 30% dessas operações, voltadas para empresas e com valores acima de R \$ 2 milhões. Esses números ainda não incluem, no entanto, créditos do banco Bamerindus - comprado pelo BTG em 2014 - e do Pan - no qual uma participação foi adquirida em 2011 -, que agora migra para ser aplicada.

De acordo com documentos entregues ao tribunal antitruste do Cade, o BTG possui uma carteira própria de créditos e propriedades inadimplentes cuja administração ainda é administrada pela Recovery e por escritórios de advogados. A tendência é que ele migre para o Enforce.

Na época da venda para o Itaú, a Recovery havia desenvolvido sua experiência em crédito ao consumidor e, por isso, atraiu o interesse de um banco de varejo. Desde 2000, ainda sem a parceria com o BTG, a empresa começou a recuperar os empréstimos atrelados ao consumo.

Somente em 2014, com a compra do Bamerindus, o BTG começou a desenvolver conhecimento na área de negócios. É nessa área que o banco quer se alavancar agora, especialmente em um período em que as empresas brasileiras enfrentam problemas financeiros.

De acordo com o Sr. Câmara, os bancos estão acumulando em seus balanços uma série de propriedades que foram dadas como garantias para operações de crédito, por exemplo. São propriedades que, em geral, trazem algum tipo de problema judicial ou de dívida. De posse desses ativos, o BTG quer normalizar sua situação para depois vendê-los a preços mais atrativos.

O executivo do BTG diz acreditar que a venda de carteiras de crédito por fundos de pensão, bancos e tradings crescerá nos próximos meses, dada a deterioração das taxas de inadimplência das empresas.

© Copyright Valor Econômico SA Todos os direitos reservados.

Conteúdo exclusivo para assinantes do Valor Internacional. Impresso pelo usuário

Este material não pode ser publicado, reescrito, redistribuído ou transmitido sem autorização do Valor Econômico.

Leia nossos termos e condições em <https://www.valor.com.br/international/about-legals/terms-conditions> (/international/about-legals/terms-conditions)